



UCRÂNIA / Ocupação russa inicia consultas populares em Donetsk e Luhansk, no leste, e em Zaporizhzhia e Kherson, no sul. Biden criticou “farsa” e ameaçou resposta “rápida e severa” dos EUA contra Moscou. G7 avisa que jamais reconhecerá os resultados

Regiões ocupadas votam para anexação à Rússia

» RODRIGO CRAVEIRO

Aconteceu no sul da Ucrânia, de acordo com um jornalista do país. “Minha família acabou de ser forçada a votar sob a mira de uma arma em um ‘referendo’ fantasioso. Eles vêm à sua casa, você tem que escolher a opção para ser anexado à Rússia, enquanto homens armados o observam”, relatou. Até a próxima terça-feira, as autoridades leais às forças de ocupação russa em Donetsk e em Luhansk (leste) e em Zaporizhzhia e Kherson (no sul) realizarão consultas populares para decidir sobre a anexação desses territórios à Rússia.

O presidente norte-americano, Joe Biden, alertou que os Estados Unidos “jamais reconhecerão o território ucraniano como algo que não seja parte da Ucrânia”. Também classificou os referendos como uma “farsa” e “um falso pretexto para tentar anexar partes da Ucrânia à força, uma violação flagrante do direito internacional”. E avisou: “Nós trabalharemos com nossos aliados e parceiros para impor custos econômicos adicionais rápidos e severos à Rússia”. O ucraniano Volodymyr Zelensky instou o mundo a condenar o que chamou de “pseudoreferendos”. No primeiro dia das consultas, vídeos divulgados pelas redes sociais mostram soldados russos batendo de porta em porta para buscar os cidadãos ucranianos em casa. Em outras imagens, os militares acompanham equipes com o material de votação. “Esperamos que, após o referendo, parem de nos bombardear e tenhamos paz e ordem”, declarou à agência France-Press Vladimir Shuto, da região de Lugansk e que foi votar na representação de Donetsk em Moscou.

Os líderes do G7 — grupo das sete maiores economias do mundo (EUA, Alemanha, França, Reino Unido, Canadá e Japão) — afirmou: “Nunca reconheceremos esses referendos, que parecem ser um passo rumo à anexação, e nunca reconheceremos essa suposta anexação se ela acontecer”. A Organização do Tratado do Atlântico

Norte (Otan) repudiou, “nos mais fortes termos possíveis”, os chamados referendos para anexar à Rússia regiões ucranianas parcialmente controladas pelo Exército russo. “Nenhuma aquisição territorial resultante da ameaça ou do uso da força deveria ser reconhecida como legal. Os aliados não reconhecem e jamais reconhecerão a anexação ilegal e ilegítima da Crimeia pela Rússia, advertiu a aliança ocidental, que denunciou uma escalada a mais na guerra ilegal.

Sob mira

Professor de política comparativa da Universidade Nacional de Kiev-Mohyla, Olexiy Haran disse ao **Correio** que os “pseudoreferendos” ocorrem sob a mira de armas russas e não têm consequência legal. “Trata-se de uma paródia. As pessoas votam em casa, nas ruas, por meio da internet. Não há registro nem comissão eleitoral. Algumas usam o passaporte russo”, criticou. Para o especialista, ao realizar a consulta popular, Putin dá um tiro no próprio pé. “A partir de agora, a Rússia se reconhece como um país agressor, que deseja anexar o território ucraniano. Antes, Moscou negava seu controle total sobre as chamadas ‘repúblicas fantoches’. As anexações abrem caminho para processar legalmente a Rússia pelo direito internacional”, comentou.

Haran acusou Putin de “cinismo” ao usar a chantagem nuclear. “Ele quer declarar Luhansk, Donetsk, Zaporizhzhia e Kherson como partes da Rússia, a fim de que essas regiões não sejam atacadas pelas forças da Ucrânia, sob o risco de o Kremlin lançar mão de armas atômicas táticas. No entanto, caso esse arsenal seja utilizado, a contraofensiva ucraniana não se deterá”, avaliou o professor, que visitou as trincheiras e conversou com soldados.

Anton Suslov — analista da Escola de Análise Política (naU-KMA), em Kiev — lembrou à reportagem que, em sociedades democráticas, referendos deveriam pressupor um processo

Alexander Nemenov/AFP



Garoto vestindo camiseta com a letra “Z”, símbolo das tropas russas, é fotografado diante da embaixada da República Popular de Donetsk, em Moscou

As marcas da guerra

Fotos: Ministério da Defesa da Ucrânia



O Ministério da Defesa da Ucrânia tuitou, ontem, duas imagens do soldado Mykhailo Dianov. Uma das fotos foi feita antes de o militar ser capturado pelas forças russas (E). O outro registro data de depois de sua libertação (D). “O soldado ucraniano Mykhailo Dianov está entre os afortunados: ao contrário de alguns de seus colegas prisioneiros de guerra, ele sobreviveu ao cativeiro russo. Isso é como a Rússia ‘adere’ às Convenções de Genebra. Isso é como a Rússia continua o legado vergonhoso dos nazistas”, afirma o texto no perfil oficial do Twitter.

democrático e liberdade de escolha. “Esses ‘referendos’ nos territórios ocupados são apenas um clichê de propaganda. As administrações da ocupação declararam que os resultados retratarão

a opinião de todos os cidadãos de regiões respectivas. Isso não é verdade. Centenas de milhares de pessoas que não apoiam as ambições russas são forçadas a fugir”, disse. Ele aposta que a

Rússia usará o resultado para legitimar seu status naquelas áreas e justificar atividades militares adicionais. “No primeiro dia de ‘referendo’, não houve espaço para a livre escolha. Ao menos um soldado armado visitou os eleitores em suas casas. Não existe escolha livre sob uma arma.”

Investigação

Também ontem, a comissão de inquérito da Organização das Nações Unidas (ONU) informou que “crimes de guerra” foram cometidos no país desde 24 de fevereiro, início da invasão russa. Eik Mose, presidente do órgão, apontou bombardeios russos de áreas civis, numerosas execuções, torturas e maus-tratos e violência sexual. Os casos de estupro envolvem vítimas entre 4 e 82 anos. Os investigadores visitaram 27 cidades e interrogaram 150 pessoas que teriam sofrido violência. Em Izyum (norte), a exumação de 447 corpos em uma vala comum revelou “sinais de tortura” em pelo menos 30 cadáveres. Alguns tiveram os genitais amputados.

A mobilização de 300 mil reservistas anunciada pelo presidente Vladimir Putin esbarra no medo da morte no front. Muitos russos têm fugido para as ex-repúblicas soviéticas, por não exigirem visto, e para a Finlândia, que limitou “significativamente” a entrada de cidadãos da Rússia em seu território.

Gabrielius Landsbergis, ministro das Relações Exteriores da Lituânia, avisou pelo Twitter que seu país “não concederá asilo àqueles que simplesmente fogem da responsabilidade”. “Os russos devem ficar e lutar. Contra Putin”, afirmou.

Alguns jovens russos ameaçam recorrer a ações desesperadas para escaparem do alistamento militar. “Eu quebrarei meu braço, minha perna, irei para a prisão, qualquer coisa para evitar essa coisa toda”, disse à emissora britânica BBC um morador de Kaliningrado. Na quarta-feira passada, horas depois do discurso de Putin, a ferramenta de buscas Google registrou um aumento significativo, na Rússia, da consulta ao termo “Como quebrar o braço”.

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Elas assombram os aiatolás

É significativo do que anda nos tempos a onda de manifestações das mulheres em Teerã, a capital, e outros centros urbanos regionais e nacionais do Irã contra a morte de Mahsa Amini. O desfecho do caso será determinado em um sistema judicial no qual a supremacia dos homens começa na tomada de testemunhos: os de homens valem o dobro.

Mahsa foi detida pela “milícia da virtude” por supostamente não observar o hijab. Palavra árabe, hijab significa algo como “recato”. Em termos concretos, significa que a mulher, na sociedade islâmica, deve se vestir de maneira a velar o rosto e dissimular a silhueta. Pela própria natureza do preceito religioso, que não define parâmetros explícitos, a observação do hijab tem sido, ao longo das décadas, um divisor de águas nas sociedades de maioria islâmica.

No Irã, a identidade cultural nacional — persa — antecede o encontro com o islã, no século 7. A observação dos princípios islâmicos, introduzida como elemento constitucional depois da revolução de 1979, se choca com usos e costumes cultivados nas décadas que a antecederam.

Bola na rede

As contradições entre os preceitos islâmicos decalcados da tradição árabe e os valores de uma sociedade com raízes na tradição clássica ficaram expostas, nas últimas décadas, em um terreno privilegiado da prática social: as atividades esportivas. Como no Brasil, o futebol ganhou popularidade no Irã.

Nas eliminatórias para a Copa do Mundo de 1998, a classificação da seleção iraniana colocou as autoridades diante de um desafio inédito

desde 1979. Na capital, Teerã, uma multidão saiu às ruas para comemorar. As mulheres, pela primeira vez desde a Revolução Islâmica, tiveram autorização para entrar no estádio.

Na época, o regime islâmico vivia uma queda-de-braço entre as facções conservadora e reformista do clero. No Irã, o islã segue os preceitos da variante xiita. Os xiitas são místicos, clericais e republicanos. Iniciaram no Irã, em 1979, a experiência da construção de um Estado institucional, porém subordinado à autoridade religiosa.

Reforma na revolução

A chamada “revolta do futebol”, de 1998, coincidiu com um momento definidor para a história do regime islâmico. Na época, governava o presidente Mohammad Khatami, um religioso reformista, ou

progressista. Eleito em 1997, com maioria expressiva, ele defendia a adoção de medidas destinadas a institucionalizar o regime islâmico e limitar o alcance das decisões autoritárias dos próceres religiosos.

Foi sob Khatami que o Irã elegeu prefeitos e vereadores, pela primeira vez em mil anos de história. A abertura no poder local deu passagem à ascensão de mulheres no ambiente político, até então quase exclusivamente masculino. Até 2001, quando tomou corpo a “contra-revolução” da facção conservadora do clero, o Irã viveu uma espécie de “primavera”, em que o traço mais significativo foi a participação crescente da mulher na vida pública.

É esse legado, minado pela facção conservadora do clero desde o fim do governo de Khatami, em 2005, que está em questão nos protestos desencadeados pela morte de Mahsa Amini. A revolução republicana que sepultou uma monarquia semiabsoluta de 2 mil anos tem nas mulheres o seu teste de sobrevivência.

Parece combinado

Na Copa de novembro, no Catar, o futebol vai propiciar mais uma oportunidade para a diplomacia na delicada relação entre a República Islâmica e os Estados Unidos. Desde a revolução de 1979, que nacionalizou o petróleo, Teerã e Washington travam uma disputa ácida. Mas, ainda assim, tiveram de se entender com a bola rolando.

Em 1998, na França, a tabela do Mundial de futebol colocou EUA e Irã na mesma chave. Era o governo reformista de Khatami, que permitira inclusive a entrada de mulheres no estádio Azadi, em Teerã, para comemorar a classificação do país à Copa. Em campo, Irã 2 x 1.

Os dois países voltarão a se enfrentar neste ano, em 29 de novembro. Agora, porém, o presidente iraniano é um conservador. A expectativa é por saber se, como há 24 anos, as torcedoras terão sua vez para festejar uma eventual vitória.